

Uma Nota Introdutória sobre o Paradoxo de Easterlin

Material Pedagógico Avançado

Marc Jacquinet

Março de 2016



CC BY-NC

Resumo

Este ensaio pedagógico apresenta, de forma aprofundada e crítica, o Paradoxo de Easterlin — uma das constatações mais relevantes e debatidas na economia do bem-estar e na economia da sustentabilidade. Revisitando a formulação original de Richard Easterlin (1974), o texto explora as suas implicações teóricas e empíricas, analisa os principais debates que suscitou na literatura académica e discute a sua pertinência para a análise das políticas de desenvolvimento sustentável e da gestão organizacional. Este ensaio destina-se a estudantes das unidades curriculares de Economia da Sustentabilidade e Gestão de PME.

1. Introdução e Contextualização Histórica

A economia do bem-estar tem procurado, ao longo das últimas décadas, compreender a relação entre prosperidade material e qualidade de vida. Neste quadro, o trabalho pioneiro do economista norte-americano Richard Easterlin ocupa um lugar central, na medida em que desafiou algumas das premissas mais enraizadas do pensamento económico convencional, nomeadamente a ideia de que o crescimento do produto interno bruto (PIB) constitui, por si só, um indicador fiável de progresso social e de bem-estar individual.

Em 1974, num capítulo seminal intitulado "Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence", publicado na obra coletiva *Nations and Households in Economic Growth* (Academic Press, Nova Iorque), Easterlin analisou dados relativos à satisfação de vida nos Estados Unidos da América ao longo de várias décadas e chegou a uma conclusão surpreendente: embora a relação entre rendimento e felicidade seja observável a nível individual — ou seja, dentro de uma dada sociedade, as pessoas mais ricas tendem a reportar maiores níveis de felicidade —, esta relação não se confirma quando se analisa a evolução temporal de um mesmo país ou quando se comparam países com diferentes níveis de desenvolvimento.

Esta constatação ficou conhecida como o Paradoxo de Easterlin e tornou-se uma referência obrigatória em domínios tão diversos como a economia

comportamental, a psicologia positiva, os estudos de desenvolvimento humano e, mais recentemente, a economia da sustentabilidade. O seu impacto estendeu-se ao debate de políticas públicas e à reflexão sobre os limites do crescimento económico enquanto fim em si mesmo.

2. Formulação do Paradoxo

A formulação canónica do Paradoxo de Easterlin pode ser sintetizada na seguinte proposição central:

"Embora as pessoas mais ricas, dentro de um país, tendam a reportar níveis mais elevados de felicidade do que as mais pobres, os aumentos do rendimento médio ao longo do tempo não se traduzem em aumentos proporcionais na felicidade média da população."

— Easterlin, 1974

2.1. Os Três Níveis do Paradoxo

Para uma compreensão mais rigorosa, o paradoxo articula-se em três dimensões analíticas distintas:

1. **Dimensão intranacional (transversal):** Num dado momento e num dado país, as pessoas com rendimentos mais elevados reportam, em média, maiores níveis de bem-estar subjetivo do que as pessoas com rendimentos mais baixos.
2. **Dimensão temporal (longitudinal):** Ao longo do tempo, o crescimento do rendimento médio per capita de um país não se traduz num aumento proporcional — ou mesmo significativo — dos níveis médios de felicidade reportados pela população.
3. **Dimensão internacional (comparativa):** Comparando países com níveis muito distintos de rendimento médio, não se verifica uma correlação robusta e consistente entre maior riqueza nacional e maior felicidade média — particularmente entre países que já ultrapassaram um determinado limiar de desenvolvimento.

2.2. O Conceito de Rendimento Relativo

Uma das explicações mais influentes para o paradoxo assenta no conceito de rendimento relativo. A hipótese central é que os indivíduos não avaliam o seu bem-estar com base no nível absoluto do seu rendimento, mas sim em função da sua posição relativa face a um grupo de referência — os seus pares, vizinhos, colegas de trabalho ou a média da sociedade. Assim, quando o rendimento de toda a população cresce proporcionalmente, as posições relativas mantêm-se inalteradas, e, conseqüentemente, os níveis de felicidade tendem a não se alterar significativamente. Este mecanismo é conhecido como "corrida ao armamento hedónica" (hedonic treadmill) ou, na tradição vebleniana, como consumo conspícuo.

3. Mecanismos Explicativos

A literatura económica e psicológica identificou um conjunto de mecanismos que ajudam a explicar por que razão o crescimento do rendimento não se traduz, automaticamente, em aumentos equivalentes de bem-estar. Destacam-se os seguintes:

3.1. Adaptação Hedónica

Os seres humanos adaptam-se rapidamente às mudanças nas suas condições de vida, tanto positivas como negativas. Um aumento de rendimento proporciona, inicialmente, uma melhoria do bem-estar, mas este efeito tende a dissipar-se à medida que as novas condições são normalizadas. O indivíduo regressa, tendencialmente, ao seu nível de base de satisfação (set point), independentemente das circunstâncias materiais.

3.2. Comparação Social

Como demonstrado por Clark, Frijters e Shields (2008), a felicidade dos indivíduos é altamente sensível ao rendimento relativo, e não apenas ao rendimento absoluto. As pessoas tendem a sentir-se mais ou menos satisfeitas em função da sua posição na hierarquia social. Quando todos ficam mais ricos ao mesmo ritmo, ninguém sobe na hierarquia, e o efeito sobre o bem-estar é mínimo.

3.3. Aspirações Crescentes

O crescimento económico gera frequentemente um aumento das aspirações. À medida que o padrão de vida médio sobe, as expectativas dos indivíduos também se elevam. O que antes era considerado um luxo torna-se rapidamente numa necessidade. Este mecanismo de "inflação das aspirações" neutraliza os ganhos em bem-estar associados a maiores rendimentos.

3.4. A Assimetria dos Efeitos do Crescimento

Um contributo relevante de DeNeve et al. (2018) aponta para a existência de uma assimetria importante: o crescimento económico negativo (recessão) tem um impacto negativo sobre o bem-estar significativamente superior ao impacto positivo que o crescimento equivalente teria em sentido contrário. Esta assimetria sugere que a relação entre crescimento e felicidade não é linear nem simétrica, e que as perdas económicas são psicologicamente mais custosas do que os ganhos equivalentes.

4. Debates e Controvérsias na Literatura

O Paradoxo de Easterlin não é isento de críticas e tem suscitado um debate académico vivo e continuado. As principais linhas de contestação situam-se, sobretudo, em torno de questões metodológicas e de amplitude dos dados utilizados.

4.1. A Contestação de Stevenson e Wolfers

Betsey Stevenson e Justin Wolfers (2008), num trabalho publicado nos Brookings Papers on Economic Activity, desafiaram diretamente as conclusões de Easterlin com base numa análise de dados mais abrangente e cobrindo um maior número de países. Os autores concluem que existe, afinal, uma correlação positiva entre rendimento e felicidade, não apenas dentro de cada país, mas também entre países e ao longo do tempo, mesmo em países ricos. Segundo esta perspetiva, o paradoxo seria, em larga medida, um artefacto dos dados limitados utilizados por Easterlin.

4.2. A Reavaliação de Beja

Edsel Beja (2014), numa reavaliação do paradoxo publicada na International Review of Economics, procura um caminho intermédio entre as duas posições. O autor reconhece a existência de uma relação positiva entre crescimento e felicidade, mas salienta que esta relação é moderada, sujeita a rendimentos decrescentes, e dependente das condições de distribuição do rendimento e das características institucionais de cada sociedade.

4.3. Desigualdade e Felicidade

Oishi e Kesebir (2015), em artigo publicado na Psychological Science, introduzem uma dimensão complementar: a desigualdade do rendimento como variável mediadora. Os autores demonstram que o crescimento económico tende a não se traduzir em maiores níveis de felicidade quando é acompanhado por um aumento da desigualdade — o que, nas economias contemporâneas, tem frequentemente sido o caso. Esta perspetiva articula-se com o argumento do rendimento relativo: se os ganhos do crescimento se concentram nos estratos mais altos, os efeitos sobre a felicidade média são negativos ou nulos.

5. Implicações para a Economia da Sustentabilidade

O Paradoxo de Easterlin tem implicações profundas para a forma como concebemos o desenvolvimento económico sustentável e as políticas públicas que o acompanham. Se o crescimento do PIB não garante, por si só, aumentos de bem-estar, então o crescimento económico não pode constituir o único — nem sequer o principal — objetivo das políticas de desenvolvimento.

5.1. Para Além do PIB

O paradoxo impulsionou a procura de indicadores alternativos ou complementares ao PIB para medir o progresso das sociedades. Iniciativas como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, o Genuine Progress Indicator (GPI), o Happy Planet Index ou as métricas de bem-estar subjetivo promovidas pela OCDE representam tentativas de superar as limitações do PIB como medida única de prosperidade.

5.2. Distribuição e Sustentabilidade Social

A literatura sobre o paradoxo sugere que a distribuição do rendimento é tão ou mais importante do que o seu crescimento absoluto para a promoção do bem-estar coletivo. Políticas redistributivas e de redução da desigualdade — sistemas fiscais progressivos, acesso universal a serviços públicos de qualidade, proteção social robusta — surgem, assim, como instrumentos fundamentais de uma agenda de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

5.3. Limites Planetários e Decrescimento

O paradoxo articula-se de forma natural com os debates sobre os limites do crescimento económico no contexto das restrições ecológicas do planeta. Se um crescimento adicional do PIB não garante maior bem-estar — e acarreta custos ambientais significativos —, então a insistência numa lógica de crescimento contínuo perde parte substancial da sua justificação. Correntes como o decrescimento (degrowth) ou a economia do estado estacionário (steady-state economics) encontram no paradoxo de Easterlin um argumento empírico relevante para a sua agenda.

6. Relevância para a Gestão de PME

Do ponto de vista da gestão de pequenas e médias empresas (PME), o Paradoxo de Easterlin suscita reflexões igualmente pertinentes — embora menos exploradas. As implicações situam-se em pelo menos três domínios:

- **Motivação e remuneração:** A investigação sobre bem-estar subjetivo sugere que, acima de um certo limiar de remuneração, os aumentos salariais têm impactos decrescentes sobre a motivação e satisfação dos trabalhadores. Fatores como o reconhecimento, a autonomia, o sentido de propósito e as relações interpessoais no trabalho tendem a ser mais determinantes para o bem-estar laboral.
- **Cultura organizacional e sustentabilidade:** As PME que integram objetivos de bem-estar coletivo e de responsabilidade social e ambiental nas suas estratégias tendem a desenvolver culturas organizacionais mais resilientes e a atrair e reter colaboradores com maior nível de satisfação e comprometimento.
- **Estratégia e objetivos:** A adoção de métricas de desempenho que vão além do resultado financeiro — como indicadores de bem-estar dos colaboradores, impacto ambiental ou contributo para a comunidade — representa uma visão estratégica mais alinhada com os princípios da sustentabilidade e com as evidências sobre os determinantes do bem-estar humano.

7. Considerações Finais

O Paradoxo de Easterlin constitui um dos contributos mais fecundos e duradouros da economia do bem-estar. Ao desafiar a identificação simplista entre crescimento económico e progresso humano, obrigou economistas, políticos e gestores a repensarem os objetivos do desenvolvimento e os meios de os avaliar.

O debate que suscitou está longe de estar encerrado. As divergências entre Easterlin e os seus críticos continuam a alimentar uma investigação empírica e teórica rica, que cruza a economia com a psicologia, a sociologia e as ciências ambientais. O que parece claro, à luz da evidência acumulada, é que a relação entre rendimento e bem-estar é mediada por fatores contextuais complexos — a desigualdade, as aspirações, os mecanismos de comparação social, as instituições —, e que a análise desta relação exige uma abordagem necessariamente multidisciplinar.

Para os estudantes das unidades curriculares de Economia da Sustentabilidade e Gestão de PME, o paradoxo oferece um ponto de partida privilegiado para questionar os pressupostos implícitos da teoria económica mainstream e para desenvolver uma visão mais crítica, holística e humanista do desenvolvimento económico.

Referências Bibliográficas

Beja, E. (2014). *Income Growth and Happiness: Reassessment of the Easterlin Paradox*. *International Review of Economics*, 61(4), 329–346.

Clark, A., Frijters, P., & Shields, M. (2008). *Relative Income, Happiness, and Utility: An Explanation for the Easterlin Paradox and Other Puzzles*. *Journal of Economic Literature*, 46(1), 95–144.

DeNeve, J., Ward, D., De Keulenaer, F., van Landeghem, B., Kavetsos, G., & Norton, M. (2018). *The Asymmetric Experience of Positive and Negative Economic Growth: Global Evidence Using Subjective Well-Being Data*. *Review of Economics and Statistics*, 100(2), 362–375.

Easterlin, R. A. (1974). Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. In P. A. David & M. W. Reder (Eds.), *Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honor of Moses Abramovitz* (pp. 89–125). Academic Press. [Disponível online](#)

Easterlin, R. A. (2013). Happiness, Growth, and Public Policy. *Economic Inquiry*, 51(1), 1–15.

Oishi, S., & Kesebir, S. (2015). *Income Inequality Explains Why Economic Growth Does Not Always Translate to an Increase in Happiness*. *Psychological Science*, 26(10), 1630–1638. <https://doi.org/10.1177/0956797615596713>

Stevenson, B., & Wolfers, J. (2008). *Economic Growth and Subjective Well-Being: Reassessing the Easterlin Paradox*. *Brookings Papers on Economic Activity*, 2008, 1–87. Disponível em www.jstor.org/stable/27561613

Citação: Jacquinet, Marc (2016) Uma Nota Introdutória sobre o Paradoxo de Easterlin, Lisboa, Universidade Aberta